

BOLETIM GEOGRÁFICO

INFORMAÇÕES
NOTÍCIAS
BIBLIOGRAFIA
LEGISLAÇÃO



CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

ANO XXII

Maio—Junho de 1964

N.º 180

Transcrições

Observações sôbre alguns pontos de vista Geográficos*

Fonte: L'Information Géographique —
12 année — N. 14 — Octobre, 1948.

A. CHOLLEY

II PARTE

O método geográfico: É a Geografia uma síntese?

Diz-se, correntemente, que a Geografia é uma síntese e que seu método é, essencialmente, de ordem sintética. Apresentada de maneira tão absoluta, esta afirmação talvez não esteja isenta de críticas; em todo caso, merece ser definida. Se a realidade geográfica é como a definimos no artigo precedente, admitir-se-á, implicitamente, que o objeto da Geografia é sintético por natureza, mas que os primeiros passos para o conhecimento dêste objeto serão necessariamente analíticos.

A própria estrutura das combinações geográficas nos impede de considerar isoladamente os fatores que as compõem, isto é, em si mesmos. Eles existem, somente, como elementos da combinação e é nas combinações de que fazem parte, que convém apreciá-los. Além de sua própria estrutura e de sua essência, que devemos conhecer, é a combinação, na qual se reúnem, que lhes dá seu verdadeiro sentido. Devemos, então, procurar estabelecer as relações que os encadeiam aos demais elementos da combinação e a função que lhes cabe no processo em que participa a combinação e no dinamismo que a anima. A combinação efetuada para a exploração da pradaria canadense comportava, como se viu, de elementos físicos, biológicos e humanos, que se encontram geralmente em todas as combinações análogas, referentes ao exercício da atividade agrícola, mas o que lhe deu originalidade, foi a maneira pela qual se gruparam e reagiram os vários elementos, uns diante dos outros, e pela qual alguns predominam no desenvolvimento das ações. Evidentemente, foi um fato político que deu origem à combinação, mas, é certo, ela somente tomou corpo, quando se encontrou uma variedade de trigo capaz de adaptar-se às exigências do clima e para lá foram transportados os homens necessários à exploração da terra. A combinação, uma vez desencadeada, desenrolou-se e evoluiu em um certo sentido, até que seu mecanismo e sua estrutura se acharem modificados pelo aumento da densidade da população, pelo desenvolvimento das cidades, pelas crises que pesaram no comércio do trigo; foi então, necessário realizar uma outra combinação.

A dificuldade de nossas pesquisas decorre, precisamente, da complexidade e da diversidade das combinações realizadas na superfície da terra. Algumas são, relativamente, simples, como por exemplo, as combinações morfológicas de ordem estrutural, pois são provocadas pela convergência dos dados da estrutura e da ação da erosão fluvial, considerada em suas manifestações mais gerais. As convergências parecem bem mais complexas, quando se trata de uma morfologia climática, pois além da estrutura, vê-se agir todos os sistemas de erosão desencadeados pelas mudanças de clima, que sobrevieram no decorrer dos recentes períodos geológicos.

Do mesmo modo, a complexidade das combinações de ordem humana se avoluma com o número de fatores, que para as mesmas convergem. A combinação da criação de gado, que chamamos nomadismo é, relativamente, simples.

* Tradução de Elizabeth F. Gentile. A primeira parte dêste trabalho foi publicada no número anterior do *Boletim Geográfico*.

Que diferença do sistema de criação de nossos campos, que responde a uma forte densidade de população, a uma estrutura social mais estratificada, a uma técnica mais complexa e sem dúvida, também, a fatores de ordem política.

Compreende-se, de que auxílio pode ser para o geógrafo a representação cartográfica. O mapa de distribuição de uma combinação nos informará sobre o dinamismo, que lhe permitiu a conquista do espaço e sobre as relações que cria entre alguns de seus elementos físicos ou biológicos e os humanos, e que são freqüentemente reveladoras de sua estrutura. O esboço das *cuestas* da parte oriental da Bacia Parisiense, à medida que se registra, convenientemente, a descontinuidade de seu traçado, o valor desigual dos desníveis, a posição das aberturas conseqüentes, as discordâncias entre a rede hidrográfica e a estrutura, é susceptível de orientar-nos aos problemas essenciais de sua gênese.

Tudo aquilo que fôr possível observar e medir no comportamento da combinação, no tempo e no espaço, deve ser retido. Daí, a utilidade dos gráficos que valorizam as fases da evolução de uma combinação ou a ação de um fator predominante.

É por examinar, concomitantemente, as combinações no tempo e no espaço, que a Geografia ocupa uma posição original e somente neste caso, poderá ser considerada como sintética.

A não ser este fato, nada mais separa a Geografia dos outros conhecimentos. O método, que nos permite interpretar a estrutura de uma combinação a estabelecer sua evolução, só pode ser analítico. Mas como a Geografia opera em duas dimensões, tempo e espaço, ao contrário das ciências físicas ou químicas, por exemplo, para as quais o tempo não existe, nossa análise deve responder a este duplo aspecto.

Empregaremos então, alternativamente, o método histórico e o método das ciências naturais. Reunindo os acontecimentos, que se desenrolaram no passado, o primeiro nos permite reconstituir as sucessões e as substituições de combinações, que se realizaram em um determinado ponto da superfície da terra; e no segundo, interpretar ao vivo, a combinação em movimento, em plena ação, no espaço em que ocupa.

É pois, absurdo querer limitar à Geografia o emprêgo de um só destes métodos. Em sua própria essência a Geografia não é mais histórica que biológica. Ela é uma e outra; cabe-nos saber qual o método que melhor convém para chegar a atingir o processo especial de nossos combinações. Dar aos geógrafos unicamente uma formação histórica é expô-los a não ver senão um aspecto das coisas, é privá-los de uma parte dos meios, que lhes permitem interpretar a realidade.

III — A QUESTÃO DA ADAPTAÇÃO AS CONDIÇÕES NATURAIS

A noção de adaptação às condições naturais responde a um princípio fundamental da Geografia Moderna; ela dá sentido às nossas descrições; ela toma o valor de um axioma ou dogma. E o bom senso, não nos afasta a idéia de que, a organização ideal do planeta seria aquela, em que as diferentes formas de atividade humana e as combinações, que elas provocam, estariam em perfeita harmonia com as condições naturais. O problema torna-se-ia, então, muito simples: a ciência deveria determinar em cada ponto do globo, quais as condições naturais fundamentais, restando apenas realizar, frente a estas condições, a adaptação necessária.

Entretanto, não se pode dizer que esta maneira de apresentar o problema seja satisfatória, havendo pois, algumas objeções que se impõem.

A expressão condições naturais responde a uma noção bastante complexa, pois, nela reunimos a posição geográfica, o relêvo, o tipo de solo, o clima, as condições biológicas, etc. A idéia de meio exprime mais corretamente o conjunto destas condições.

Em princípio, não estamos certos de que as condições naturais constituam um todo imutável e, sim, cada vez mais certos do contrário. Após séculos de plantio de uma mesma cultura em um mesmo solo, seus caracteres químicos

e biológicos se modificam. As associações vegetais ainda não atingiram tôdas seu equilíbrio. Não conhecemos ainda, suficientemente, as condições dos meios microbianos, mas suas reações variam, sem dúvida, de uma época a outra. Quanto aos meios climáticos ou morfológicos, a experiência do quaternário basta para demonstrar que sua imutabilidade é apenas aparente.

A ciência dêstes meios terrestres está longe de poder-nos revelar tôdas as particularidades. É preciso pois viver. O homem então teve que aumentar suas combinações sem, entretanto, possuir informações suficientes sôbre as condições do meio natural, onde elas se deveriam enraizar e desabrochar. O que êle realizou não foram apenas adaptações, no sentido estrito da palavra, antes porém, tentativas, experiências, cujo sucesso ou insucesso lhe revelaram a estrutura e as tendências dos meios físicos ou biológicos. Isto é o mesmo que dizer que a interpretação destas condições é susceptível de variação, conforme as sociedades humanas que a empreendem ou mesmo conforme as gerações.

Os exemplos afluem para demonstrá-lo. Os montanhese de certos vales dos Alpes viveram durante séculos prêsos às combinações que, como mostrou H. Onde, não evidenciam uma adaptação às condições naturais, enquanto aquelas que realizaram, recentemente, exprimem um ajuste mais satisfatório. Porém, o espetáculo mais impressionante é aquêlo que nos oferece a sucessão de combinações agrícolas e pastoris na região mediterrânea, onde o clima não sofreu modificações sensíveis desde o último período glacial. Ao que parece, a arqueologia agrária revela-nos uma utilização do solo para criação nômade de animais de pequeno porte: cabras e carneiros. Esta criação estava, evidentemente, adaptada àquelas condições naturais que não convinham às exigências de uma agricultura. Encontramos a seguir uma espécie de associação de agricultura e criação, cujos traços Le Lannou assinalou, notavelmente, na Sardenha. Para o desenvolvimento desta combinação, sem dúvida, outros elementos do meio foram aproveitados. Finalmente, o recente desenvolvimento de culturas especializadas, culturas de sequeiro ou culturas irrigadas, assinala uma outra interpretação das condições oferecidas pelo meio que não é, sem dúvida, a última. Em um meio dado e considerado como suficientemente estável, há, pois, uma grande variedade de escolhas possíveis.

O mundo atual sugere outras reflexões. A distribuição dos principais centros de atividades agrícolas ou industrial está longe de ser o reflexo das condições naturais. Não se pode dizer, com efeito, que as terras da Europa são as que melhor convêm à produção de trigo, que parece, pelo contrário, responder, perfeitamente, às condições das "terras negras" da zona temperada ou da subtropical. E, no entanto, é impressionante o total da produção de trigo obtido nos solos mais ou menos podzolizados da Europa. A indústria, por sua vez, é mais concentrada na Europa e no nordeste dos Estados Unidos, no entanto não se pode dizer que é nestas duas áreas que mais se acumulam as fontes de energia e as matérias-primas. Se a adaptação às condições naturais fôsse o princípio da organização racional do planêta, poder-se-ia esperar singulares mudanças na repartição da produção agrícola ou industrial. Enfim, os progressos da técnica nos mostram que, desde o início do século XIX, o homem se esforça por libertar, o mais possível, das incertezas desta adaptação. A êste respeito, obteve verdadeiros triunfos no campo das indústrias químicas por exemplo, ou em certas formas de criação ou de agricultura nas áreas periféricas dos grandes centros.

Destas reflexões podem-se extrair duas conclusões:

- 1 — Primeiramente, que a adaptação às condições naturais não constitui um fato simples. Com algumas exceções, a influência dos meios naturais nunca atingem um tal ponto, que não deixe ao homem uma escolha na organização de suas combinações. É sempre possível interpretar sua ação e é bem grande a faixa que separa o êxito do insucesso. Mas, a interpretação das condições do meio pode variar de um século a outro, de uma geração a outra. Ela se modifica em função da técnica ou da natureza das combinações criadas pelo homem. Com os processos modernos de irrigação, os habitantes das planícies mediterrâneas têm maior ação frente à certas condições do meio, que o pastor ou o agricultor de cereais de mil anos

atrás. As sociedades primitivas, cuja técnica é rudimentar, estão mais estreitamente avassaladas às condições naturais. As sociedades evoluídas defendem-se melhor porque puderam escolher as condições de que souberam explorar às vantagens. O homem não é capaz de conhecer tôdas as condições naturais que entram em jôgo. Ele faz uma escolha, desencadeia uma experiência, adapta sua atividade, seus meios, a algumas dentre elas com as quais êle compõe e realiza uma combinação, mais ou menos estável, que pode, em época posterior, enriquecer-se ou modificar-se, com a incorporação de outros elementos do meio natural.

- 2 — Não é certo que a organização mais racional do mundo seja aquela que, sômente, leva em conta as combinações naturais. A estrita adaptação às condições naturais não é um ideal senão em um mundo fracamente ocupado pela humanidade e cujos meios técnicos são insuficientes. À medida que aumenta a densidade dos grupos humanos e que suas técnicas se tornam mais eficazes, a ação das condições naturais é menos imperativa e a estrutura social, a distribuição da densidade ou da mão-de-obra, a localização das cidades é que justificam melhor a estrutura das combinações. O acúmulo de capitais, as riquezas da técnica, o intenso povoamento e uma estrutura social ricamente estratificada e hierarquizada, muito mais que as próprias condições naturais, fizeram da Europa um continente privilegiado para a criação e a rápida renovação das combinações.

A distribuição das combinações e sua evolução, isto é, as tentativas de organização do planêta repousam, pois, sôbre duas bases essenciais: uma base territorial e uma base humana (densidade, estrutura social e nível de vida, técnica, ação política, etc.); a primeira evoca a ação das condições naturais, a segunda o estado do grupo humano, nenhuma das duas apresenta o caráter determinante, que outrora lhes foi atribuído.

Há uns vinte anos, uma questão preocupou fortemente os pensadores, pelo menos na França: aquela do determinismo e da liberdade na atividade humana, considerada do ponto de vista geográfico.

Para as combinações de natureza puramente física: morfológicas, hidrográficas, climáticas, estamos, evidentemente, em um campo determinado pelas leis físicas, o que não quer dizer que as combinações desta espécie devam, forçosamente, evoluir em sentido linear. O modelado que se constitui sob a ação combinada da estrutura e de um sistema de erosão provocado pelo clima, pode ser, em dado momento, interrompido e retomado em outra direção, se o volume do relevo vier a mudar em consequência de modificações na situação relativa dos continentes e do mar, ou em consequência de uma mudança nas condições de erosão imposta por uma oscilação climática. No campo das combinações mistas, físicas, biológicas e humanas, devemos reconhecer, o homem é que governa sua decisão ou sua escolha, quando põe em ação uma combinação para exercer satisfatoriamente uma de suas atividades fundamentais (agricultura, criação, pesca, fabricações, etc.). Contudo, uma vez desencadeada uma combinação, seu poder diminui singularmente. A combinação se desenvolve, provocando os efeitos, mais ou menos esperados, no domínio da produção, da demografia e da estrutura social. As crises indicarão se o sistema está mais ou menos bem adaptado às condições físicas, biológicas ou políticas reinantes no momento e assistir-se-á a malogros, a paradas e a tentativas de consertos grosseiros; porém, parece que, o esforço do homem sômente produzirá pleno efeito se, em consequência destas experiências ou dêstes prejuizos, êle chegar a compreender as insuficiências da combinação e qual a modificação que deve introduzir para melhor adaptá-la às condições do meio físico ou humano. Não é êste o exemplo que nos deu a evolução das combinações agrícolas realizadas no decorrer de longos séculos, nos campos franceses quando se lhes apresentou o grave problema, já no século XIX, da adaptação à economia capitalista liberal? Certas regiões, como os campos do Nordeste, aprisionadas a uma estrutura agrária e a uma estrutura social obsoletas, resistiram durante várias gerações mantendo, a despeito de tudo, sua economia tradicional. Uma deficiência demográfica marcou esta desadaptação progressiva. E foi preciso, nada menos, que uma verdadeira catástrofe social, o êxodo da mão-de-obra para a cidade, para assi-

nalar o fim do sistema em causa e provocar, depois de um bom número de tentativas a adoção de um novo sistema de cultura, mais especializado em substituição ao antigo, seus efeitos tendo começado a fazer-se sentir, sob o ponto de vista demográfico, desde o fim da primeira guerra mundial. Outras regiões como o vale do Ródano, as regiões vinícolas e os campos do oeste, por outro lado, realizaram a adaptação às novas condições econômicas com a máxima rapidez. Como se sabe, este fato resultou em magnífico enriquecimento da estratificação social, um rápido revigoramento da demografia, uma verdadeira renovação da vida das pequenas cidades que exprime o restabelecimento do equilíbrio entre as novas combinações e as condições do meio. É esta diversidade de atitudes que manifesta a originalidade de nossas regiões agrícolas.

IV — GEOGRAFIA DESCRITIVA E GEOGRAFIA GENÉTICA

Diz-se, freqüentemente, que a Geografia é a ciência das paisagens; a descrição da paisagem seria, mesmo, o objetivo da Geografia, cujo papel se reduziria àquele de uma ciência puramente descritiva.

Parece que, a este respeito, existe ainda muito exagero. Não insistiremos quanto ao abuso do termo paisagem, que teve originariamente um sentido ligado à natureza vegetal, a paisagem sendo caracterizada pela natureza da vegetação e pela distribuição de seus elementos, mata, pradaria, alinhamento de árvores, culturas, etc. Hoje, fala-se de paisagem morfológica, de paisagem litorânea, de paisagem urbana. Abuso evidentemente do verbalismo.

Que a paisagem seja uma interessante indicação para ajudar-nos a compreender a realidade, isto não há dúvida, pois não é a paisagem uma das expressões do meio realizada pelas combinações geográficas? O aspecto dos campos desnudos, com suas longas e finas parcelas de terra, as colheitas agrupadas em um mesmo recanto, o lugar reservado ao pousio, a aldeia com as casas reunidas, exprime bem os traços essenciais do sistema agrícola instalado, há longo tempo, na parte oriental de nossa Bacia Parisiense. Do mesmo modo, a repetição das *cuestas* e das depressões por ela dominadas e os planaltos que compõem seus reversos constitui uma associação de formas, uma trilogia, que permite reconhecer o relevo derivado de uma estrutura concordante e inclinada, onde camadas duras alternam-se com camadas tenras.

Mas, a paisagem, nem sempre traduz exatamente a realidade geográfica. As paisagens de planícies de fle-de-France são classificadas entre as paisagens de campo aberto (*openfield*) e parecem, à primeira vista, relativamente simples. Em realidade, é antes de uma maneira imperfeita, que elas têm registrado a sucessão das combinações agrícolas. Como reconhecer em certas aldeias de *cuestas*, englobadas, hoje, em uma zona de exploração de grandes fazendas, as aldeias vinícolas e de arboricultura de tempos atrás?

Há, mesmo, paisagens enganadoras. Deléage referiu-se às paisagens de bosque, que, no Gâtinais, coincidem com uma estrutura de campos abertos (*openfield*). Os terraços do tipo lorenno no planalto do Alto-Sena apresentam, às vezes, uma verdadeira paisagem de bosque, em que os campos são limitados por muros de pedras secas plantados com moita. Entretanto, estes campos fechados acham-se submetidos às mesmas regras e aos mesmos hábitos de trabalho que o restante do território. Eles decorrem de uma colonização tardia da floresta, cujas terras foram incorporadas ao velho e tradicional sistema parcelar e comunitário.

A paisagem não é um fim, é somente um meio. Ela pode orientar o estudo de certas combinações. Mas, o que é essencial, é compreender a estrutura da combinação, sua evolução, seu rendimento, isto é, em última análise, o grupo humano e as formas de atividade que assinalam a sua presença. A paisagem em si mesma somente é compreensível quando se chega a traçar a gênese e a evolução das combinações rurais que nela deixaram seus traços, com mais ou menos vigor. Além do mais como descrever e localizar, de algum modo, os elementos de uma paisagem sem revelar esta sua gênese? Não é possível descrever uma paisagem sem ter compreendido a estrutura, a gênese e a evolução das combinações, às quais ela deve seus elementos essenciais. O exemplo das planícies parisienses no-lo demonstrou. O mesmo acontece às "paisagens morfoló-

gicas". A simples consideração da paisagem não basta para dar-nos a chave da combinação e não se pode chegar a essas paisagens morfológicas senão pelo estudo dos depósitos característicos e dos sistemas de encostas, pois só estes revelarão a época do isolamento das cornijas de rochas duras e a fossilização das frentes de *cuestas* de que deriva sua estabilização relativa.

A Geografia não pode, pois, limitar-se a ser unicamente descritiva, ela é também genética. A Geografia é uma ciência jovem e como a maior parte das outras ciências da natureza começou por ser descritiva. Algumas dessas ciências naturais, como a biologia e a botânica, já ultrapassaram este estado inicial; elas se empenharam, há alguns anos no campo da genética e, com o auxílio da experiência, fizeram grandes progressos. Tornaram-se ciências adultas. Pergunta-se porque a Geografia hesitaria em seguir um campo análogo e, se é muita audácia pensar que poderemos um dia fazer experiências, é normal encarar a possibilidade de suscitar experiências ou de gozar daquelas que se fazem ao nosso redor, e mesmo independentemente de nós. Sabemos pelos estudos de Pardé, quais foram os progressos da Geografia dos cursos d'água no decorrer dos últimos vinte anos e nosso conhecimento do mecanismo da erosão fluvial aproveitou-se particularmente desses estudos. Devemos tais progressos às experiências realizadas por engenheiros hidráulicos por ocasião dos diversos trabalhos realizados no leito de rios. O mesmo podemos dizer quanto ao conhecimento das regras de transporte e acumulação das areais e dos seixos no trabalho de erosão marinha. Foram as construções de quebra-mar e os trabalhos realizados pelos engenheiros da marinha, que nos trouxeram as mais preciosas informações, confirmando nossas observações e completando-as.

O mesmo se passa com a Geografia Humana. As realizações da economia política constituem para o conhecimento da estrutura de nossas combinações e para sua evolução, experiência cheias de interesse, que nos permitirão um dia retirar as regras gerais concernentes à gênese à evolução das combinações, assim como os efeitos que delas decorrem do ponto de vista demográfico e social. O papel das crises é da maior importância, como as tempestades para a erosão litorânea, pois a crise nos apresenta os fenômenos de forma exagerado, colocando em evidência a estrutura da combinação e a ação de seus elementos.

A Geografia pode, pois, elevar-se também na escala das ciências mas sob a condição de não mais se prender a uma atitude exclusivamente descritiva.

V — A GEOGRAFIA REGIONAL E A GEOGRAFIA GERAL

Pensamos ter mostrado, suficientemente, a unidade da Geografia. A França é um dos países, onde se reconhece melhor esta unidade. A Geografia constitui aí uma disciplina independente, com seu método, seu objetivo e seus pesquisadores. Em outros países, ao contrário, ela se encontra separada em dois ramos: Geografia Física, ligada às faculdades científicas e a Geografia Humana liga às faculdades de Letras ou de Filosofia.

Entretanto, mesmo entre nós, podemos afirmar que os diversos ramos da Geografia sejam concebidos com um espírito verdadeiramente geográfico, isto é, para responder, corretamente, ao estudo dos tipos de combinação que lhe cabe explicar.

No domínio da Geografia natural, somente a morfologia observa, verdadeiramente, o ponto de vista geográfico. Neste caso, incorporam-se os fatores estruturais, hidrológicos e climáticos, pois é da sua ação convergente que resultam as formas de relevo e não são estudados em suas próprias essências, mas nas modalidades impostas por sua ação combinada.

Não se poderia dizer o mesmo dos estudos hidrológicos: nossos tratados consideram os oceanos do mesmo modo que os oceanógrafos, isto é, muito mais em suas estruturas fundamentais, que em suas ligações com os meios atmosféricos e continentais, com os quais eles entram em contacto ou nas combinações que resultam precisamente desses contactos.

Poder-se-ia exprimir uma opinião análoga com relação ao clima. A utilização das médias estatísticas de temperatura, precipitação, etc., certamente é indispensável para definir o clima médio de uma região ou de uma zona. Mas, o

estudo das freqüências de tipos de tempos deveria merecer, ao menos, a mesma atenção, pois, não são eles também a expressão das combinações realizadas pelos fatores atmosféricos, topográficos, hidrológicos, etc.?

Nossa Geografia Humana está ainda mais afastada da atitude verdadeiramente geográfica. Um de seus principais ramos, a Geografia Econômica, tal como se a pratica, ainda hoje, é mais uma técnica ou uma economia política, que uma verdadeira Geografia Econômica. Fazemos verdadeiras abstrações dos fenômenos econômicos, damos-lhes uma falsa individualidade, subtraindo-os das combinações, das quais eles são apenas uma expressão entre muitas outras.

Se desejamos, pois, compreendê-los, devemos vê-los e situá-los nas combinações, onde interferem com os fatores sociais, políticos, biológicos e mesmo físicos.

As diferentes formas de atividade, agrícolas, industriais, etc. e a ação das combinações que elas provocam nos diversos pontos do globo não seriam, pois, convenientemente apreciadas somente pela consideração das cifras de rendimento, ou pelo valor de tonelada do produto. Se desejo ter uma idéia conveniente do sistema agrícola loreno, em meados do século XIX, não a alcançarei antes, considerando o coeficiente populacional, que essa combinação chegou a criar, o nível de vida ao qual ela elevou as famílias de pequenos proprietários e a estrutura social correspondente? A classificação dos estados e departamentos de acordo com as toneladas de trigo ou de batatas que produzem, depende, de preocupações antes de tudo políticas; ela deriva da velha idéia de poder, que se retira de cada página dos estudos históricos, mas que não possui grande valor geográfico, pois não nos permite compreender a estrutura e o mecanismo das combinações realizadas pelo grupo humano e não nos informa sobre seu comportamento ou sua vitalidade. A Geografia Econômica para ser verdadeiramente geográfica deve ser, também, uma Geografia Social.

A França é também o país onde a Geografia Regional teve maior desenvolvimento; com Vidal de La Blache a Geografia Regional tornou-se, mesmo, a característica da escola geográfica francesa e as obras que ela inspirou são, a este respeito, numerosas e significativas.

Os progressos da Geografia Geral têm sido, há uns vinte anos, tão pronunciados, que se perdeu um pouco de vista os caracteres próprios de cada um dos ramos da Geografia Geral. Sob a influência da Geografia Geral, a Geografia Regional manifestou, muitas vezes, uma nítida tendência a se tornar um mero catálogo de tipos. E muitos estudos regionais passaram a ser apenas a aplicação ou verificação local das teorias da Geografia Geral. Quando, ao contrário as pesquisas regionais é que deveriam levar a precisar, rever e renovar os conceitos da Geografia Geral, fornecendo a esta os materiais necessários a suas construções.

Na realidade esta dupla atitude da Geografia, a Geografia Regional e a Geografia Geral, não correspondente a uma separação radical, pois o método permanece o mesmo, havendo, somente, entre as duas, uma diferença de ponto de vista ou, antes, de escala, para apreciar a realidade geográfica.

a) *Na escala da Geografia Regional* — é uma grande escala, semelhante a 1/10 000 ou 1/20 000 no campo das cartas topográficas. Ela permite compreender e interpretar todos os pormenores da realidade física, biológica ou humana, como o plano diretor, dá todas as minúcias da topografia e da planimetria. A realidade que compreendemos acerca do plano regional corresponde às diversas combinações físicas, biológicas e humanas que definimos no artigo precedente. Fixar sua estrutura, sua extensão, seu dinamismo, e sua evolução e para compreender as justaposições ou superposições de combinações, deve ser objeto de nossas pesquisas.

As individualidades regionais com relação à Geografia Humana e a vida regional que as anima, resultam, com efeito, da maneira pela qual se grupam, se superpõem ou interferem as diferentes combinações, nascidas da prática de diferentes tipos de atividade no interior de um grupo humano. A estepe, em toda a parte onde é dedicada à organização do sistema pastoril, oferece o exemplo de uma combinação relativamente simples e única. A vida regional é apenas delineada, pois, vê-se aí predominar a vida do clã ou da tribo. Em algumas

partes da savana, a vida regional nasce da justaposição de diversas combinações: povos pastóres, cidades artesanais, povos agricultores. A Europa Ocidental oferece, ao contrário, o exemplo de uma complexidade espantosa de combinações, não somente justapostas, mas superpostas, penetrando-se, freqüentemente, e determinando uma estrutura social muito estratificada, se bem que a vida regional anima, muitas vezes, de uma maneira intensa, áreas relativamente reduzidas. E a cidade, com suas combinações especiais, suas diversas estruturas sociais, suas fortes densidades é um centro eficaz e durável para matner essa vida regional.

Vimos que, para favorecer estes complexos de combinações de onde brota tôda uma vida regional, dois tipos de fatores podem entrar em ação: as condições naturais e as condições humanas.

As condições naturais em razão das disposições que oferecem à escolha do homem para o estabelecimento de relações ou pelos recursos que colocam a sua disposição, podem facilitar a elaboração de combinações diversas, auxiliar seu desenvolvimento, multiplicar seus contactos, facilitar suas substituições. Mas não há, forçosamente, como se pensou durante muito tempo, coincidência entre os quadros naturais (físicos ou biológicos) e aquêles da vida regional. A vida regional pode brotar, não importa em que lugar do planeta, pois, além dos fatores físicos, mais ou menos favoráveis, é preciso considerar o dinamismo da humanidade, que aí se instala, (densidade, caracteres étnicos, etc.), sua técnica, suas concepções políticas ou organizadoras. A história da Europa e da América do Sul nos oferece exemplos de focos regionais, que não floresceram sempre nos mesmos lugares, em quadros físicos, entretanto, muito estáveis.

Entre os fatores humanos da vida regional são, sem dúvida, as condições políticas que têm o papel mais eficaz. Que contraste entre os vastos territórios da África tropical ou da América do Sul, onde a vida regional encontra enraizamentos precários em uma humanidade ainda diluída, e a Europa. A vida regional aqui desabrocha sob diversas formas, vigorosas e duráveis (províncias, país, regiões econômicas, regiões urbanas). A superposição das combinações, obrigatórias face à pequena extensão dos estados, provocou uma densidade de população desproporcionada em relação aos recursos naturais, criou uma estrutura social complexa, ocasionou um progresso da técnica e dos capitais coisas estas que facilitam a efervescência da vida regional.

A revelação desta vida regional não é um empreendimento fácil, uma vez que ainda são tão insuficientes nossos meios de investigação, mas convém estabelecer que, para a Geografia, esta pesquisa é de uma necessidade absoluta. A variedade das combinações é infinita na superfície do globo e corresponde a épocas diferentes da história da humanidade, em meios que não oferecem os mesmos quadros de atividade humana e que não foram trabalhados da mesma maneira.

Convém apressar o inventário dessas combinações, pois, há sempre o perigo de ver-se antigos centros de vida regional, eclipsarem-se diante da tendência à uniformização, provocada pelo poder dos meios técnicos.

No campo das combinações físicas ou naturais, nossa tarefa, embora mais avançada, não está completa. Começa-se a entrever, também, sua complexidade. As regiões morfológicas, como já referimos, decorrem da superposição de várias combinações: a da estrutura e a da drenagem mais ou menos concentrada, que valoriza as formas estruturais, e aquela da morfologia climática, determinada pela sucessão de diversos sistemas de erosão desencadeados pelas variações climáticas. Aí, ainda, nossa pesquisa está longe de ser completa, mesmo sob o ponto de vista da morfologia mais elementar, a morfologia estrutural.

b) *Na escala de um continente*¹ — não podemos compreender o pormenor de tôdas as combinações cuja superposição provoca a vida regional ou realiza os diversos aspectos morfológicos, biológicos e climáticos, criando a diversidade de regiões. Agora, é preciso elevar-nos a noção de zonas ou grandes conjuntos zonais. No campo da morfologia, por exemplo, a generalização deixará somente

¹ Esta distinção de escala é relativa; a rapidez das comunicações e a multiplicação das relações não permitem imaginar as manifestações da vida regional, em escala de um continente?

substituir as combinações de ordem estrutural, pois, são elas que exprimem o canevas fundamental, em resposta à colocação dos continentes, sob a ação dos incidentes tectônicos e geológicos². Do mesmo modo, as zonas hidrológicas (zonas dos rios atlânticos, zonas dos rios de montanha) substituirão, nesta escala as individualidades e as famílias hidrográficas expressivas das combinações locais.

No aspecto humano, o essencial não é o pormenor das combinações, isto é, sua repartição no espaço e sua sucessão no tempo. Devemos elevar-nos a um grau de permanência expresso nas noções de gênero de vida ou de civilização, que ultrapassa a duração de uma ou duas gerações. Porque não experimentamos, à propósito disso, precisar o sentido de certos termos que, freqüentemente, são empregados em Geografia, sem que lhes seja atribuído um sentido muito exato, o que ocasiona numerosas confusões: formas de atividade, gêneros de vida e civilização.

Tornam-se tais termos singularmente, mais claros, quando relacionados a noção de combinação. As formas de atividade exprimem as ocupações e os trabalhos, aos quais se sujeitam os grupos humanos para responder às exigências da vida do grupo: agricultura, criação, pesca, caça, atividade industrial e atividades ligadas aos transportes.

O exercício destas diversas formas de atividade dá lugar, como demonstramos acima, as combinações; e as combinações diferenciam-se pelos procedimentos técnicos, pelo que cabe às influências das condições biológicas e mesmo físicas pelo que exprimem da adaptação às condições naturais e pelo progresso do grupo humano, que as criou. Trazem, pois, a marca do meio físico e humano em que se originaram e da época em que se organizaram.

A expressão gênero de vida evoca a maneira pela qual um grupo humano ou uma série de grupos humanos resolve o problema de sua alimentação, habitação, vestuário, de sua instalação territorial, etc. É a soma das atividades e das combinações realizadas com tal fim. E como o espírito de invenção destes grupos humanos não é ilimitado e as permutas aproximam suas concepções, constroem-se sistemas de combinações aparentados, que encerram, por consequência, extensões territoriais maiores e que tem assegurada longa duração. O termo gênero de vida chega, assim, a exprimir não somente as relações com o meio físico e biológico, mas, também, entre os diversos grupos humanos. Fala-se do gênero de vida do noroeste da Europa, do gênero de vida da estepe, do gênero de vida do arroz, etc.

As marcas exteriores do gênero de vida se nos oferecem na organização da terra para a cultura, no vestuário, na habitação, no *habitat*, etc. Mas, atrás dessas marcas exteriores, há toda uma organização de trabalho, toda uma organização de atividades e de combinações, com os efeitos que provocam sob o ponto de vista demográfico e social e que são essenciais.

O termo civilização ultrapassa o sentido da expressão gênero de vida e não o podemos reivindicar só para o domínio geográfico. Além das coisas materiais, evoca concepções, séries de temas intelectuais e artísticos e apela às posições religiosas ou às atividades filisóficas. É, pois, uma noção muito mais rica em sentido. Ultrapassa, também, o sentido da expressão gênero de vida, exprimindo uma série de gêneros de vida que encadearam gerações sucessivas de um povo ou de um grupo de povos, o que nos dá a impressão de que a vida destas sociedades foram arrastadas em um mesmo sentido no decorrer de um período mais ou menos longo. Implica, pois, uma idéia de distribuição territorial na escala de um continente e, talvez mesmo, na escala de um planeta e move-se em um período secular. Fala-se da civilização grega, da civilização indiana, mas se pode falar, também, da civilização européia, cuja duração será, talvez menos longa, mas que já ultrapassa de muito as demais por sua extensão em área, visto que sua técnica e sua organização econômica e social acabam de modelar todo o planeta.

² Pode-se observar, entretanto, que no caso dos continentes pouco diferenciados, sob o ponto de vista estrutural (África por exemplo) é antes o clima que determina a generalização do ponto de vista morfológico.

c) *É na escala do planeta* que focalizamos, verdadeiramente, o domínio da Geografia Geral. Atingimos neste momento o mais alto nível de generalização no estudo geográfico.

No domínio da Geografia Física nossa atenção deve transportar-se às regras que definem a ação dos diversos fatores intervenientes nas combinações: estrutura e tectônica, clima, fenômenos hidrológicos, sistema de erosão, etc. sobre as formas gerais das combinações, sobre sua extensão na superfície da terra e os meios daí decorrentes³.

Para a Geografia Humana, trata-se, sobretudo, de pesquisar acerca das formas de atividade praticadas pelos povos da terra, verificar se não existe no estabelecimento das combinações encadeamentos que respondam ao mesmo tempo, aos diversos meios físicos e biológicos e às diferentes fases de evolução das sociedades humanas. Trata-se também da extensão dessas combinações o que nos conduz a definir os sistemas de vida e a limitar os centros de civilização que assim se manifestaram e ainda de mostrar, finalmente, as relações entre todas estas experiências e o grau de povoamento, o grau de organização e de exploração do planeta.

³ A Geografia não retém as formas de atividade psicológica, intelectual e artística; sua concepção do mundo tem sido, pelo menos até aqui, uma concepção materialista, o homem sendo considerado por ela como o principal habitante do planeta.